

**Por uma didática da invenção:
o lugar dos bebês na formação inicial e continuada no contexto de uma
universidade pública federal**

Fabiana Santiago de Sousa - UFF

Geovanna Coutinho - UFF

Maria Antonia Tripodi Giglio - UFF/FME Niterói

Maria Alice Barbosa - UFF

Sarah Borges - UFF

Nazareth Salutto - UFF

RESUMO

O presente painel expõe um trabalho cuja centralidade é a docência para e com os bebês. O recorte metodológico é a pesquisa-formação envolvendo ensino e extensão em uma universidade pública federal. A fundamentação teórica pauta-se nas áreas da Pedagogia, da Psicanálise e da Antropologia. O primeiro texto apresenta elementos de pesquisa-formação a partir de uma disciplina optativa/curso de extensão, envolvendo graduandas/os e professoras/res de Educação Infantil, em uma universidade federal. A relevância desse processo tem consistido em fazer do diálogo uma proposta crítico-reflexiva da prática docente, bem como tornar viva e humanizada a teoria discutida, traduzindo-se como resposta responsável para si mesmo e para as crianças, desde bebês. O segundo trabalho reflete sobre o percurso formativo entretecendo ensino, extensão e pesquisa de quatro graduandas em Pedagogia. As autoras apontam que uma formação ética e humana, voltada à docência para as crianças, desde bebês, só é possível se for concebida na alteridade promovida pelo encontro e pelo diálogo nas discussões coletivas. O último texto aborda a experiência de (re)encontro de quatro professoras de bebês que, por meio da extensão universitária, compartilham inquietações e possibilidades do trabalho docente com bebês. Nesse percurso, sistematizam a compreensão de que *tornar-se* professora de bebês é um gesto que se faz no caminhar e na atenção conjunta às suas expressões e movimentos. Investigar sobre *ser bebê* vem dando contorno ao projeto de pesquisa-formação e à compreensão da docência como prática de relações humanas, que considere adultos e bebês *como pessoas que devem ser levadas a sério*.

Palavras-chave: Bebês; Docência; Formação na Educação Superior.

Educação Infantil, docência e bebês: concepções e práticas em debate na formação da Educação Superior

Nazareth Salutto - Universidade Federal Fluminense

RESUMO: Neste texto apresentamos reflexões acerca da constituição de uma disciplina/curso de extensão voltada à docência para e com bebês, no contexto de uma universidade federal pública. Tomando as categorias *relações*, *gesto pedagógico* e *educação da atenção*, o trabalho partilha princípios assumidos na construção de percurso formativo que vem se convertendo em uma pesquisa-formação. Reunir formação inicial e continuada no mesmo espaço e tempo tem sido uma aposta relevante da disciplina-curso. Por meio das propostas e temáticas desenvolvidas, professoras/res e demais profissionais que trabalham em creche tecem um espaço de compartilhamento entre si que, por sua vez, afeta e mobiliza graduandas/os em formação inicial, encontro que vem produzindo tanto diálogos sensíveis quanto tensões. A relevância desse processo tem consistido, portanto, em fazer do diálogo uma proposta crítico-reflexiva da prática docente, bem como tornar viva e humanizada a teoria discutida, fazendo deste um percurso que vem se configurando como pesquisa-formação da Educação Superior, por meio da construção de sentidos partilhados, traduzindo-se como resposta responsável para si mesmo e para as crianças, desde bebês.

PALAVRAS-CHAVE: Bebês; Docência; Formação na Educação Superior

Educação Infantil, docência e bebês: concepções e práticas em debate na formação da Educação Superior

Nazareth Salutto

Desaprender oito horas por dia ensina os princípios.
Manoel de Barros (2007, p. 09).

Este texto expõe questões acerca da construção de um percurso formativo desenvolvido nos últimos cinco anos, cuja centralidade é a docência para e com os bebês na Educação Infantil, envolvendo ensino e extensão no contexto de uma universidade pública federal, com viés metodológico da pesquisa-formação.

No âmbito da Formação de Professores da Educação Superior, o curso de Pedagogia é um dos responsáveis pela formação inicial de futuras/ros professoras/res da educação básica (Brasil, 2015). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDB (Brasil, 1996), estabelece que cabe à Educação Superior, oferecida em universidades públicas e privadas, a formação em nível de graduação e pós-graduação, voltados ao exercício acadêmico e/ou

profissional. Ainda às universidades públicas, compete a responsabilidade de exercer suas atividades articulando ensino-extensão e pesquisa.

A docência como trabalho e profissão é objeto de disputa política e investigação científica em diferentes cenários (Tardif, 2002; Tardif e Lessard, 2014; Cericato, 2016). Soma-se a este contexto os desafios colocados à formação da/do professora/or de Educação Infantil em geral e, em particular, a voltada aos bebês, ratificados pelas falas das/dos professoras/res. Muitas/os deles/las se veem sozinhas/os, por vezes sem nenhuma interlocução e apoio, diante da responsabilidade de assumirem a docência em grupos de referências com bebês entre quatro, dezoito, vinte e quatro meses nas instituições de Educação Infantil: *o que eu faço com os bebês? Eu não quero apenas colocar para dormir, dar banho e trocar fraldas. Quero desenvolver um trabalho pedagógico. Não me formei para trocar fraldas! Os bebês não falam, não andam, não tem nada de pedagógico, é só cuidar. O que é ser professora/or de bebês? Como se tornar professora/or de bebês?*

Trata-se de indagações legítimas, honestamente compartilhadas por professoras/res que se veem diante desse trabalho que *desloca, provoca, inquieta, angustia*, seja pela natureza das ações envolvidas (cuidados corporais, atenção individual, colo, dentre outros aspectos), seja pela ausência de formação, diálogo e reconhecimento das especificidades deste trabalho no cotidiano institucional, bem como na formação.

Tardif (2002) aponta que a profissão/trabalho¹[1] docente tem natureza ambivalente, justamente por congregar em sua ação saberes e práticas tecidas tanto na esfera teórico-acadêmica, quanto nas experiências de vida dos sujeitos, fazendo deste um trabalho polifônico.

Para Schmitt (2019), a docência com/para bebês é constituída pela sutileza, marcada pela simultaneidade das ações e pela presença radical dos bebês na sua composição. Soma-se a este quadro o histórico de atendimento a este grupo na construção da educação no cenário brasileiro, marcado pela lógica do assistencialismo, da invisibilidade dos bebês como pessoas políticas e com direito à cidadania (Rosemberg, 2015) e pelo lugar social e político relegado ao ato de cuidar na nossa sociedade. Este brevíssimo panorama revela a complexidade que atravessa uma área de conhecimento e *saber-fazer* pedagógicos, cuja constituição da profissão encontra-se em processo (Rocha e Batista, 2015).

Tendo em vista os balizadores acima colocados, nos propomos a discutir, neste trabalho, aspectos envolvidos na implementação de uma disciplina optativa, oferecida também como

¹ Trabalharemos com esses dois termos para indicar a docência como uma área profissional e como o desenvolvimento de um trabalho, incluindo as/os professoras/res como trabalhadoras/res da educação.

extensão universitária na Faculdade de Educação de uma universidade federal de um grande centro urbano, por meio da qual vem sendo possível entretecer diferentes lugares, vozes e inquietações em torno dos processos de constituir-se e reconhecer-se na docência para e com bebês na Educação Infantil.

Para tanto, o texto está organizado do seguinte modo: iniciamos apresentando o contexto que institui a disciplina/course Bebês e Educação em uma universidade pública federal. Em seguida discutimos alguns princípios teórico-metodológicos que vêm constituindo esse processo formativo de pesquisa-intervenção. Finaliza com apontamentos que reivindicam tais princípios à formação inicial e continuada na Educação Superior.

Educação Infantil, docência e bebês: concepções e práticas em debate na Educação Superior

*Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos –
O verbo tem que pegar delírio*

Manoel de Barros (2007, p. 14).

Uma breve história...

Após realização de concurso público, ingressei como professora no ano de 2018 na Universidade Federal Fluminense, no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação.

Nesse curso, as disciplinas obrigatórias do currículo voltadas à educação das crianças são Educação Infantil e Pesquisa e Prática Educativa II, que trata do estágio curricular obrigatório em Educação Infantil.

Em diálogo com as discussões do campo da Educação Infantil, o tema da docência com bebês fazia parte do repertório das aulas, tangenciando sua história, concepções e práticas. No entanto, devido à organização curricular das disciplinas em questão, temos poucas aulas para essa discussão, sem possibilidade de aprofundamento².

Algumas alunas passaram a me procurar após as aulas para solicitarem mais textos, compartilhar suas experiências de trabalho com bebês nos estágios remunerados ou contratos em instituições públicas e privadas. Com base nesse interesse e nas inquietações ali

² Sobre a ausência da discussão sobre bebês nos currículos de cursos de Pedagogia, recomenda-se leitura do texto Aprendendo a enxergar os bebês: o que não dizem os currículos dos cursos de Pedagogia (Santos, Estrela e Gomes, 2023), no qual as autoras analisam o currículo de cinco universidades públicas cariocas, constatando a ausência dos bebês no contexto da formação em Pedagogia nas referidas instituições.

XXII ENCONTRO DE MOBILIZAÇÃO E FORMAÇÃO DE UM PEQUENO GRUPO

mobilizadas, formamos um pequeno grupo que tinha por objetivo estudar e discutir essas questões conjuntamente.

A partir deste movimento inicial, no ano de 2019 ofereci a primeira turma da disciplina optativa *Bebês e Educação: concepções e práticas em debate*, com objetivo de ampliar os diálogos para além do grupo de alunas, que foram se tornando orientandas de monografia, de projetos de extensão e de iniciação à docência.

Naquele momento pudemos constatar e elaborar estratégias de abordagem sobre o tema da docência com bebês tanto a partir das pesquisas e estudos da área, quanto das narrativas e inquietações colocadas pelas alunas.

Na segunda turma, aberta ainda no ano de 2019, a disciplina adotou dois movimentos, que são mantidos até o momento: passou a ser oferecida também como extensão universitária, reunindo professoras/res, gestoras e demais profissionais que trabalham na educação infantil, em especial, com bebês até os três anos³; e para outras licenciaturas além da Pedagogia, sendo elas Serviço Social, Enfermagem e Antropologia. Esse formato tem permitido entretecer formação inicial e continuada no mesmo território, fortalecendo o debate em torno dos desafios e possibilidades da docência com bebês sob diferentes olhares e tempos formativos.

Nesses cinco anos temos construído o eixo do curso em torno de balizadores teórico-metodológicos que tanto orientam o desenvolvimento das aulas, quanto subsidiam os estudos do nosso grupo de pesquisa⁴, tendo como fundamentação os estudos da Pedagogia, da Antropologia Cultural e da Psicanálise.

Tem sido necessário sistematizar de modo rigoroso essa proposta interdisciplinar, uma vez que cada área se constitui a partir de paradigmas distintos.

Compreendemos que é da Pedagogia/Educação o lugar do qual falamos e tecemos as apostas que temos realizado, por compreendê-la como uma ciência da educação (Franco, 2008) e, sendo assim, tem nas relações – na complexidade das necessidades humanas – seu léxico como ato de formação.

O diálogo com a Psicanálise tem nos permitido discutir sobre o papel do desenvolvimento humano na perspectiva da subjetivação, o que implica considerar a qualidade da presença e das relações entre os sujeitos, contrapondo discurso hegemônico sobre

³ Este recorte tem por objetivo delimitar os três primeiros de trabalho com este grupo no cenário da Educação Infantil.

⁴ O movimento de implementação da disciplina/curso fomentou a formação do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância, Bebês e Crianças-GERAR, cadastrado no diretório de pesquisas do CNPq.

desenvolvimento humano orçado nos paradigmas das etapas, que ignoram o papel da vida social nos processos. Perspectiva que nos conecta à Antropologia Cultural para uma visada sociocultural que busca conhecer a realidade humana a partir de sua condição, situação e lugar e, mais ainda, por permitir desestruturar discursos fixos sobre o que se sabe ou não sobre ser bebê, afinal, “a antropologia não lhe diz o que você quer saber; ela abala os fundamentos daquilo que você pensava que já sabia” (Ingold, 2019, p. 60).

A abertura disciplinar, marca própria da Pedagogia, nos mobiliza ao diálogo com outras referências, o que tem permitido tecer parâmetros para a condução da disciplina/curso e da pesquisa que deles decorre. Nesse sentido, coaduno com a perspectiva de Veiga (2020), ao analisar a relevância de uma perspectiva da Didática da Educação Superior, uma vez que,

pensar a Didática da Educação Superior implica concebê-la como práxis, como categoria filosófica que permite a unicidade da teoria-prática por meio de uma proposição metodológica. A prática pedagógica é o trabalho do professor, que envolve o processo didático nas dimensões de ensinar, aprender, pesquisar, avaliar e socializar conhecimentos e tecnologias. Nesse concepção, ela é um processo consciente, intencional e sistemático, pelo qual se trabalham os conhecimentos científicos, pedagógicos produzidos historicamente (VEIGA, 2020, p. 261).

O curso/disciplina está organizado em dois eixos principais: concepções e práticas. O primeiro, busca situar e fundamentar as concepções com as quais dialogamos para pensar *ser bebê*, seu lugar na sociedade, questões geracionais e econômicas. A partir desses diálogos, nos debruçamos sobre o segundo eixo, cujas perspectivas e práticas docentes são o foco.

Reconhecendo a complexidade implicada nos processos formativos, em especial com ênfase na docência para e com bebês, é que temos buscado construir e sistematizar alguns princípios norteadores para nossas discussões. Neste trabalho elegemos três deles para reflexão: bebês e adultos como pessoas de relação que necessitam ser *levadas a sério*; a relação como gesto pedagógico, a educação da atenção como estratégia formativa e como saber-fazer das práticas; a leitura literária como presença estética da/na formação. Discutiremos essa proposta nos subtópicos a seguir.

Bebês e adultos como pessoas de relação que necessitam ser levadas a sério

Levar os outros a sério envolve considerar todas/os implicados na tessitura das relações como engendramento da vida (Ingold, 2019, 2020). No encontro com os bebês, as/os adultos são convidadas/os a se reposicionarem, no sentido de estar em abertura para aquilo que o bebê subverte e desloca da adultez: “(...) trata-se de compartilhar da sua presença, de aprender com as suas experiências de vida e de aplicar esse conhecimento às nossas próprias concepções de

XXII ENCONTRO COMO A VIDA HUMANA PODERIA SER, DAS SUAS CONDIÇÕES E POSSIBILIDADES FUTURAS” (Ingold, 2019, p. 10).

Esse princípio reivindica à Pedagogia que restabeleça seu compromisso como ciência da educação, compreendendo que cabe a essa instância a composição de um léxico pautado no encontro e nas relações como ethos do processo formativo, compreendendo que, para tanto, faz-se necessário fazer escolhas que coadunem com tal princípio.

Partimos da formulação do antropólogo Tim Ingold, *sobre levar os outros a sério*, para compreender o papel das relações na formulação de saber-fazer pedagógico voltados à docência com bebês.

Para esse autor, *levar os outros a sério*, “não significa apenas atentar para o que eles fazem e dizem. Mais do que isso, *devemos encarar os desafios que eles colocam às nossas concepções* sobre como as coisas são, *o tipo de mundo em que vivemos e como nos relacionamos com ele*” (Ingold, 2019, p. 13-14. Grifos próprios).

Tal perspectiva revela-se potente, sobretudo pela provocação que permite fazer em relação ao papel dos adultos no encontro com os bebês nas relações de modo geral, na docência em particular. Muitas das falas de professoras/res de bebês apontam para o desafio que encontram em manejar as propostas pedagógicas institucionais – organização de murais, projetos de trabalho com temas específicos, por exemplo – às manifestações dos bebês.

Os bebês convocam a uma outra natureza de gestos e manejo – ser pego no colo, alimentado, dentre outros aspectos dos cuidados corporais – que interrogam modos de *saber-fazer docente* pautados e comprometidos apenas com uma lógica de transmissão de conteúdo. O que dizer sobre uma docência que implica e aciona uma multiplicidade de fazeres em que o conteúdo é o próprio ato de *viver junto*, com alguma sorte, com qualidade, atenção e respeito?

No contexto de um cotidiano de uma creche, adultos e bebês podem passar até oito horas diárias num mesmo espaço. Para muitos destes bebês, situações inaugurais da ordem da corporeidade, da linguagem, dentre outros aspectos do desenvolvimento se dão nesse terreno onde as experiências são vividas de modo coletivo, o que pode se converter em celebração frente ao desenvolvimento, mas também em apagamento ou invisibilidade de processos subjetivos que tornam singulares os sujeitos.

Nesse sentido, uma docência atenta e comprometida com a vida plena das crianças, desde bebês, que seja uma educação que tenha *capacidade de responder*, necessita reivindicar para a formação adultos e bebês como pessoas que necessitam ser levadas a sério como sujeitos de relação, ou seja, de uma *ação pedagógica* ciente de que sua ciência tem *as pessoas dentro* (Ingold, 2019), de que o mundo – material e simbólico – existe antes das pessoas. No referencial

adotado, isso significa aquilo que compreende que o conhecimento não está dado, mas se revela a partir e no encontro dos sujeitos com o mundo. O que nos leva ao próximo tópico.

Relações, educação da atenção e gesto pedagógico como projeto de formação

A formação na Educação Superior assume o compromisso com a práxis, de modo a reunir na sua metodologia teoria e prática. Não está em debate, portanto, o *como fazer*, mas os processos e alternativas que tornem possível a/o graduanda/o produzir reflexividade sobre aquilo que poderá vir a fazer, como a docência.

Para (autora) (2023), “compõe o cenário de uma Pedagogia das relações o redimensionamento do conceito de cultura escolar quando tomada pelo viés das relações, não dicotomizando seus sentidos, mas incluindo a segunda como princípio orientador da primeira” (p. 30). Como se forma, portanto, para as relações, assumindo como práxis do saber-fazer docente?

Compreendemos gesto pedagógico como toda e qualquer ação intencional e *atencional*⁵ de pensar, desenvolver e implementar práticas atravessadas pela continuidade, responsabilidade, conhecimentos e saberes desenvolvidos nas práticas cotidianas escolares. As relações, por conseguinte, como o conjunto das ações desencadeadas no encontro entre os sujeitos.

A partir desses dois termos – relações e gesto pedagógico – cabem algumas indagações: como se forma para uma prática sustentada na relação? A que/quem ela responde? Que critérios definem parâmetros para as relações? É possível planejar relações voltadas às práticas? Se sim, em que medida tal planejamento reposiciona o trabalho pedagógico junto às crianças, desde bebês, na Educação Infantil?

Uma prática docente fundamentada no princípio das relações exige inventividade frente ao já conhecido, uma vez que o encontro tem sempre algo de inédito, que não se repete de um dia para o outro: o tempo muda, histórias são contadas, imprevistos acontecem. Logo, há camadas de invenção a serem construídas nos vestígios do que já foi vivido pelos sujeitos. A invenção depende da visão que as concepções mobilizam.

A educação da atenção

⁵ Voltaremos a este termo no próximo tópico.

A educação é sobre conduzir a vida e não sobre transmissão e assimilação de conteúdos e conhecimentos. No cerne dessa tarefa encontra-se a educação da atenção: “*Educação trata de dar atenção às coisas, em vez de adquirir conhecimento que nos absolva da necessidade de fazê-lo* (Ingold, 2020, p. 10).

Faz-se necessário compreender que, para este autor, a educação não se relaciona exclusivamente à escola, o que não significa ignorar a cultura escolar, mas não se restringir a ela. Educação, nesses termos, diz respeito a conduzir a vida e por este gesto construir um mundo conjuntamente, uns com os outros. Nesse sentido, educação diz respeito a um modo de conduzir a vida e não de transmitir e assimilar conhecimentos. A este gesto, Ingold (2020) nomeia intencionalidade.

O autor traça uma interessante comparação entre caminhar e a educação da atenção, de modo a diferenciá-la da intencionalidade. Vejamos:

(...) no hábito de caminhar, em oposição à vontade de ir fazer uma caminhada, a atenção assume a prioridade ontológica como modo fundamental de estar no mundo, enquanto as intenções são apenas marcos lançados ao longo do caminho que, mais frequentemente do que não, são revelados em retrospectiva quando, olhando para trás em viagem já feita, nós a reconstruímos como uma série de etapas predeterminadas. Ou, para resumir, se o princípio da volição nos rende uma forma de atenção fundada na intencionalidade, o princípio do hábito nos dá uma forma de intenção fundada na atenção (idem, p. 45-46).

No cotejo a essas reflexões, podemos ousar/inventar transformar a dúvida/insegurança do *como tornar-se* professora/or de bebês em afirmação, ou seja, assumir o *tornar-se* como caminho constitutivo da docência, declinando da (falsa) percepção de que este ofício se realiza quando uma etapa formativa se conclui.

Por esse motivo optamos por princípios, justamente porque parece coadunar com a perspectiva de caminhada, de caminho, de processo. Gesto que exige cumplicidade e parceria, porque só pode se constituir na alteridade, ou, para Ingold (2020), *correspondência*, porque são ações pelas quais “os seres ou coisas literalmente correspondem e respondem uns aos outros ao longo do tempo” (p. 46).

Nos sensibiliza a aposta de uma formação implicada com a correspondência como uma capacidade conjunta de dar resposta, pois, aproximando-a da docência para e com bebês, toma os últimos como co-participantes e co-construtores do cotidiano, ou, do caminho que se percorre junto no tecido institucional. A atenção, portanto, diz respeito à presença e sua qualidade, não a um controle de agenciamento que busca pensar pelo outro: “o caminhante

atento ajusta seu movimento ao terreno na medida em que ele se desdobra debaixo dos seus pés, ao invés de ter que parar em intervalos para checá-los” (idem, p. 45).

Um exemplo corriqueiro do cotidiano diz respeito aos momentos em que precisamos nos afastar do grupo para acolher e dedicar atenção a um único bebê que nos solicita: é o colo, o olhar, os pequenos diálogos e gestos. Nessa díade há todo um conjunto de estratégias e recursos envolvidos que precisa ser registrado por um olhar exterior para que se constitua como objeto de estudo do cotidiano. O adulto e o bebê envolvidos estão dentro da cena, em presença, e essa é a sua função neste momento. O olhar exterior captura ativamente a qualidade dos gestos para que, conjuntamente, essa observação possa se converter em estratégias de manejo qualificadas como ação docente, discutidos entre pares adultos como tecido e princípios da prática docente. Nesse recorte de uma situação aparentemente ordinária e corriqueira, estaria o cerne do que temos compreendido, a partir de Ingold (2020) como *educação da atenção*, que implica *ouvir, observar, sentir*.

A educação da atenção acena, portanto, para uma formação à docência com bebês coerente com os movimentos destes últimos de se integrarem neste mundo que conhecemos e partilhamos, uma educação em *tom menor*, em que ritmos, pequenos indícios e vestígios compõem a práxis docente.

Compreender e não explicar o mundo, porque a unidade de sentido é entender a experiência vivida e partilhada quando se trilha caminhos do conhecimento, porque a vida deve ser mais vivida do que explicada e, explicar um fenômeno não é o mesmo que compreendê-lo⁶ (Ingold, 2020).

O caminho, assim, não é um lugar, mas um tornar-se. Porque o movimento é uma ação da vida. Sendo assim, *tornar-se* pode ser afirmado como condição e potência da docência com bebês, como uma constante *educação da própria atenção* que, como gesto pedagógico, converte-se em responsabilidade partilhada, em atencionalidade conjunta.

A leitura literária como presença na formação

Por último, mas não menos importante, tomamos como prática na disciplina/curso, a prática da leitura literária como presença e relação, ratificando o compromisso ético, estético e político da Educação Infantil com o qual nos afinamos na formação inicial e continuada desde dentro da universidade.

⁶ No texto das autoras xxxx que compõe este painel, a situação experienciada por um grupo a partir da revoada de pássaros evidencia essa compreensão de Ingold.

XXII ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO EM PEDAGOGIA

A prática implica seleção e compartilhamento de acervo que vise acolher para a temática das aulas, não com foco conteudista, mas para sua sensibilização.

Ler para e com alunas e alunos da graduação/extensão como exercício estético, sensível e comprometido com uma dimensão da linguagem que está (ou deveria) presente no cotidiano das práticas com as crianças, desde bebês. Ler literatura, também, como uma *educação da atenção* para o sensível, para que esta esfera da expressão humana não se reduza frente ao pragmatismo a que somos convidadas/os a cada instante.

Algumas considerações a título de conclusão

Neste texto buscamos apresentar reflexões acerca da constituição de uma disciplina/curso de extensão voltada à docência para e com bebês, no contexto de uma universidade federal pública. Tomando as categorias *relações*, *gesto pedagógico* e *educação da atenção*, o trabalho partilha princípios assumidos na construção de percurso formativo que vem se convertendo em uma pesquisa-formação.

Inspiradas em Manoel de Barros, tomamos a invenção como metáfora para uma didática que tem buscado materializar o lugar dos bebês na formação inicial e continuada, na universidade pública, interrogando a Pedagogia sobre essa ausência. Uma didática que invente no contexto da formação da Educação Superior, um lugar para os bebês, respeitando-os como pessoas de relação no processo formativo de modo a fortalecer a formação voltada à docência, reivindicando também que os adultos sejam levados a sério.

Reunir formação inicial e continuada no mesmo espaço e tempo tem sido uma aposta relevante da disciplina-curso. Por meio das propostas e temáticas desenvolvidas, professoras/res e demais profissionais que trabalham em creche tecem um espaço de compartilhamento entre si que, por sua vez, afeta e mobiliza graduandas/os em formação inicial, encontro que vem produzindo tanto diálogos sensíveis quanto tensões. Diálogos porque a presença das/dos professoras/res num curso que envolve formação inicial, faz com que as práticas cotidianas do ofício docente estejam vivas nesse espaço-tempo formativo. Tensões, porque, em certa medida, muitas das práticas socializadas nos discursos se contrapõem ou parecem demasiado distanciadas do conhecimento teórico.

A relevância desse processo tem consistido, portanto, em fazer do diálogo uma proposta crítico-reflexiva da prática docente, bem como tornar viva e humanizada a teoria discutida, fazendo deste um percurso que vem se configurando como pesquisa-formação, fazendo da formação na Educação Superior, construção de sentidos partilhados nos discursos, traduzindo-



XXII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

se como resposta responsável para si mesmo e para as crianças, desde bebês, porque “a promessa da educação está na capacidade de responder e ser respondido: sem essa capacidade de resposta, por assim dizer, a educação seria impossível” (Ingold, 2020, p. 20-21).

Referências

BARROS, Manoel. **O livro das Ignorâncias**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** Lei n 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 02/2015, de 1º de julho de 2015. **Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior** (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília, Diário Oficial [da] Republica Federativa do Brasil, seção 1, n. 124, p. 8-12, 02 de julho de 2015a. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=02/07/2015&jornal=1&pagina=8&totalArquivos=72>>. Acesso em: 28 mai. 2024.

CERICATO, Itale Luciane. A profissão docente em análise no Brasil: uma revisão bibliográfica. *Rev. bras. E stud. pedagog.* (online), Brasília, v. 97, n. 246, p. 273-289, maio/ago. 2016

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. *Pedagogia como ciência da educação*. São Paulo: Cortez, 2008.

INGOLD, Tim. **Antropologia: para que serve?** Tradução de Beatriz Silveira Castro Filgueiras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

INGOLD, Tim. *Antropologia e/como Educação*.

MANTOVANI, Susanna. Uma profissão a ser inventada: o educador da primeira infância. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 10, n. 1, p. 75–98, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644101> . Acesso em: 15 maio. 2024.

ROCHA, Eloisa Candal; BATISTA, Rosa. A Constituição Histórica da Docência na Educação Infantil: um estudo a partir do contexto catarinense do início do século XX. In: REUNIÃO ANPED GT7, 37., 2015, Florianópolis. Anais..., Florianópolis: 2015.

ROSEMBERG, Fúlvia. São Paulo: uma cidade hostil aos bebês. In: ARTES, Amélia; UNBEHAUM, Sandra. **Escritos de Fúlvia Rosemberg**. São Paulo: Cortez: Fundação Carlos Chagas, 2015.

SANTOS, Maria Alice Barbosa; ESTRELA, Rafaela Garcia; GOMES, Sarah Borges Martins. Aprendendo a enxergar os bebês: o que não dizem os currículos dos cursos de Pedagogia. In: Autora, autora (org.). **Bebês: diálogos sobre formação no ensino, na extensão e na pesquisa**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2023.



XXII ENCONTRO ANUAL DA

AUTORA. Por uma Pedagogia das Relações. In: In: Autora, autora (org.). **Bebês: diálogos sobre formação no ensino, na extensão e na pesquisa.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2023.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **RELAÇÕES ENTRE ADULTOS E BEBÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: INDÍCIOS PARA COMPREENSÃO DE UMA DOCÊNCIA NÃO LINEAR.** *P O I É S I S* Unisul, Tubarão, v.13, n. 24, p. 313-330, Jul/Dez 2019.

<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/index> Acesso em 07 de maio de 2024.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência.** Tradução de João Batista Kreuch. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Didática da Educação Superior: construindo caminhos para a prática pedagógica.** In: Candau, Vera Maria; CRUZ, Giseli Barreto; FERNANDES, Claudia (orgs.). **Didática e fazeres-saberes pedagógicos: diálogos, insurgências e políticas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

FORMAÇÃO NO ENSINO, NA PESQUISA E NA EXTENSÃO: A DIDÁTICA DE *TRANSVER* O MUNDO

Geovanna Coutinho - UFF

Maria Alice Barbosa - UFF

Sarah Borges - UFF

(...) O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo.

Manoel de Barros (2000, p. 75).

Resumo: Esse texto tem como objetivo pensar a construção do processo de formação de professores na graduação do curso de pedagogia, quando associada ao Programa de Extensão, ao Programa de Iniciação Científica e na participação em um grupo de pesquisa. Estando inseridas no grupo desde o ingresso na universidade, nossa formação vem sendo tecida lado a lado com a pesquisa, em um caminhar que nos ensina não somente a olhar, mas a *transver* o mundo. A partir das vivências dessas experiências, passamos a pensar o exercício da pesquisa na graduação como um processo não só formativo, mas também humanizador das relações e da sensibilidade para olhar, escutar, e aprender com o outro. Nesse exercício, nos alegamos e *esperançamos* através do contato com múltiplas possibilidades de ser e estar no mundo através da educação, ao mesmo tempo em que a pesquisa nos altera e nos faz imaginar outras realidades possíveis. Sendo assim, a boniteza e a ética desse processo sensível de se constituir professor se torna central na construção de uma formação dentro do contexto de pesquisa. Portanto, trazemos a reflexão da potencialidade da pesquisa como um espaço formativo e da experiência de cursar uma vivência de graduação conjuntamente com a vivência na pesquisa e na extensão como uma possibilidade de aprender com o outro.

Palavras-chave: Formação docente; ensino, pesquisa e extensão; formação inicial e continuada.

FORMAÇÃO NO ENSINO, NA PESQUISA E NA EXTENSÃO:



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS EM AÇÃO A DIDÁTICA DE TRANSVER O MUNDO

Geovanna Coutinho - UFF

Maria Alice Barbosa - UFF

Sarah Borges - UFF

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo.

Isto seja:

Deus deu a forma. Os artistas desformam.

É preciso desformar o mundo:

Tirar da natureza as naturalidades.

Manoel de Barros (2016, p. 75).

Primeiras Palavras

A trajetória de se tornar professor é um processo contínuo e permanente, no qual, a aprendizagem e a reflexão sobre o mundo e sobre a própria prática se fazem centrais. Na tessitura desse caminho formativo, somos instruídos a pensar criticamente a nossa realidade e a reinventar a nossa própria práxis a partir dela. Consequentemente, aprendemos a importância de habitar o mundo a partir do entendimento trazido por Ingold (2020), no qual nos atentamos para ele, agimos sobre ele e sobre nossa realidade.

Nesse contexto, a formação docente a nível universitário se dá no tripé ensino, pesquisa e extensão, de forma a pensar o mundo e sua realidade associada ao universo acadêmico. Em nossa trajetória, é na chegada ao grupo de pesquisa que se dá, também, nosso primeiro contato com a pesquisa universitária. Como graduandas, tivemos a oportunidade de experienciar a formação no curso de pedagogia juntamente com a participação no grupo. Após 4 anos de vivências e experiências, nos percebemos então, completamente transformadas através do ingresso nesse coletivo, que nos possibilitou o contato com o mundo em que vivemos. Nessa participação, vamos nos formando e, principalmente nos transformando a partir do ensino, da pesquisa e da extensão.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA **Pesquisa abre um lugar** de possibilidades para o indivíduo; trata-se de um espaço onde se forma e é formado. Esse ambiente de ação recíproca, comprometido com a ampliação do horizonte de compreensão do ser, proporciona-lhe um olhar criterioso, minucioso, atento e, ao mesmo tempo, sensível, terno e sobretudo ético e responsável. (PACHECO, 2013, p. 301).

Nosso contato tal experiência se consolidou, através da pesquisa **“Educação Infantil, Infância e Sociedade: educação compartilhada dos bebês e crianças sob perspectivas de famílias e de profissionais”**. Nessa prática, nós, enquanto estudantes, tivemos contato com outro modo de pensar a docência e a realidade no meio educacional. Ao ouvirmos as narrativas de vida, os relatos, experiências e concepções de mulheres-mães de bebês e de profissionais que atuam com esse grupo, nos percebemos extremamente sensibilizadas pelas provocações que o exercício da pesquisa nos ofereceu. O contato com o outro, na perspectiva de Ingold de *levar os outros a sério* (INGOLD, 2019), nos humanizou e nos alterou enquanto futuras profissionais da Educação.

No contato com a realidade externa, fomos aprendendo, na verdade, a *transver* o mundo, inspiradas na ideia trazida pelo poeta Manoel de Barros. Um exercício transformador pautado na imaginação da realidade e na prática de pensar outros mundos possíveis a partir dela.

Pesquisar proporciona uma formação como pessoa, fundamentada na responsabilidade e na solidariedade de perguntar e responder, de dirigir-se a alguém e de abrir-se a alguém, de tornar-se consciente de que a vida é diálogo, mesmo quando não há palavras. É mais do que 'ler nas entrelinhas'; é perceber o outro em sua totalidade e plenitude. Formar-se em pesquisa é articular teoria e realidade, é a dialética resultante do encontro que unifica essas duas dimensões (...) (PACHECO, 2013, p. 301).

Frente a essa potência, esse trabalho tem como objetivo defender a construção da formação docente, de forma associada à pesquisa e a extensão, que, em sua didática se constituem como um lócus formativo insubstituível para o fazer docente, que nos faz olhar para a vida e percebê-la através de outras lentes, em um exercício de *transver o mundo*.

Nosso percurso: o processo na pesquisa

O grupo de pesquisa surgiu em 2018, a partir do encontro da coordenadora do grupo, com um conjunto de estudantes em uma disciplina com a temática dos bebês na educação, que compartilhavam do desejo de estudar coletivamente sobre os bebês. Hoje, o grupo é composto por professoras universitárias, graduandas do curso de Pedagogia e professoras da Educação

de defender os bebês, bem como, interessadas nas suas relações como objetos de estudo e pesquisa.

Partimos da compreensão de que integrar um grupo de pesquisa, é uma experiência formativa, uma vez que, a participação na pesquisa e na extensão, nos convoca a encontrar com o outro. Ingold (2019), assume que para tal finalidade, é preciso *levar o outro a sério*, ou seja, é preciso estarmos interessados em sua presença, escutarmos o que está sendo dito e o que não está sendo dito, observarmos os seus comportamentos e gestos, nos sensibilizarmos pelas suas narrativas de vida e de formação. O outro nos convida a fazer os movimentos de refletir, repensar e reconstruir tanto o que reconhecemos quanto o que não reconhecemos.

Atualmente, o grupo trabalha com a pesquisa “Educação Infantil, Infância e Sociedade: educação compartilhada dos bebês e crianças sob perspectivas de famílias e de profissionais”, como mencionada. Seu principal objetivo é a investigação e o debate das perspectivas e das apostas das famílias e dos profissionais sobre os bebês, a Educação Infantil e sobre o compartilhamento da educação entre essas duas instâncias sociais. Por isso, para além dos campos da Pedagogia e da Educação, a pesquisa dialoga com estudos da Psicanálise, da Antropologia e da Sociologia, a fim de ampliar a discussão e fortalecer nosso referencial teórico-metodológico.

A pesquisa foi organizada em dois momentos diferentes. Inicialmente, nos debruçamos sobre as famílias e posteriormente, nos dedicamos aos profissionais que nos deparamos ao decorrer deste processo. As entrevistas coletivas foram construídas a partir de um roteiro de questões semiestruturadas e em grupos focais. Optamos metodologicamente pela entrevista coletiva, em razão dela despertar as narrativas dos participantes e propiciar a maior produção de diálogos (KRAMER, 2007). Os grupos focais também oportunizam as interações entre os indivíduos presentes na entrevista e permitem que a condução seja feita pelos pesquisadores de modo mais flexível (GOMES, 2005).

Ao realizarmos as entrevistas coletivas, nos encontramos com vinte mulheres que são responsáveis pela educação e cuidado dos bebês, tanto na esfera privada quanto no contexto institucional da Educação Infantil. É importante ressaltar que fizemos os convites para as famílias e para os profissionais, no entanto, apenas mulheres se interessaram em participar da pesquisa. Ao total, participaram onze mulheres-mães de bebês, nove professoras e uma gestora. Em diálogo com a perspectiva de Manoel de Barros, entendemos que para tirar os bebês de sua invisibilidade, desformamos o mundo e vislumbramos outras naturalidades (BARROS, 2016).

XXII ENCONTRO GLOBAL DE BARBOSA (2017) apontam que os bebês sofrem com a dupla invisibilidade, já que eles são invisíveis nas políticas públicas e educacionais, e também, no próprio campo da Educação Infantil.

(...) a pesquisa vem contribuindo para que nossa leitura de mundo não fique reduzida ao nosso entorno, mas que ela possa ser ampliada por meio de outros projetos realizados, de autores estudados, e de muitas partilhas sobre o cotidiano escolar nas diferentes realidades, a fim de que a teoria aprendida possa ganhar vida e nos impulsionar na luta pelos direitos das crianças, dos jovens e dos adultos por uma educação de qualidade (PACHECO, 2013, p. 306).

A partir da necessidade de enxergar esses sujeitos, por parte das estudantes e das professoras-pesquisadoras que atuam com bebês, o grupo de pesquisa emerge como um eixo intercessor do ensino, da pesquisa e da extensão, com foco na pesquisa formação para/com os bebês. É com esse movimento investigativo que surgem as diferentes formas de *transver* o mundo, a sociedade e, conseqüentemente, os bebês. No âmago das discussões teórico-metodológicas e epistemológicas do grupo, *desformamos* o aspecto natural da invisibilidade dos bebês, colocando as relações na centralidade da prática docente.

Esse movimento de *transver* o mundo, passou a ser a fonte de muitas inquietações a partir da transformação de como o enxergamos. Quando voltamos os olhares a nossa própria formação, começamos a questionar, então, a marginalidade dos bebês no Educação Superior, devido a sua ausência como objeto de estudo nos cursos de pedagogia. Mobilizadas por essa questão, passamos a investigar os currículos dos cursos de Pedagogia de quatro universidades públicas do estado do Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO) e nos questionar como nos tornar professoras de bebês se eles se encontram invisíveis nos cursos de formação. As autoras⁷ apontam que “A formação de professores de bebês, tendo em vista a situação de invisibilidade nos currículos, transforma-se em um movimento de ocupação dos espaços para além do trabalho realizado nas creches” (p. 77).

Ensino, pesquisa e extensão: o tripé como locus formativo

No contexto da formação da Educação Superior nas universidades públicas, há três elementos que baseiam toda a concepção formativa dos cursos de graduação, sendo eles: o

⁷ Os nomes das autoras seguem sem identificação por conta da sua participação no painel.

ensino, a pesquisa e a extensão, também conhecido como o tripé da universidade, conforme destaca o artigo 207 da Constituição Federal de 1988. Esses três eixos, articulados entre si, norteiam todas as ações desenvolvidas na esfera universitária, de modo que não se deve pensar na existência de um ensino meramente teórico ou prático sem a sua articulação com a pesquisa e a devolução desse processo para a sociedade, que vivencia a dinâmica da vida para além dos muros da universidade. Tal articulação representa um movimento ético de reconhecer que a universidade não se mantém sem que haja constante diálogo com a sociedade.

No quesito da graduação, a integração do tripé universitário às vivências adquiridas ao longo dessa primeira etapa da formação superior é essencial para o desenvolvimento de lócus formativo, garantindo uma multiplicidade de experiências e compartilhamento de saberes que vai além das fronteiras das escolas. Essa perspectiva torna-se mais latente quando pensada no contexto das licenciaturas e da formação de professores, considerando que o fazer docente não deve ser pautado apenas na perspectiva do ensino, mas também deve acontecer no movimento da pesquisa e da extensão.

A formação docente pode e deve ser entendida como um movimento permanente e mutável, que nunca se estabiliza, mas que sempre gera novas transformações e perspectivas alinhadas à uma determinada concepção teórica, prática, epistemológica e metodológica. Esse movimento, no entanto, não acontece sozinho e ocasionalmente; o mesmo é provocado pelas relações que são construídas nos espaços formativos e sociais de interação dos sujeitos. Logo, trata-se de uma ação que é sempre coletiva e que se faz na presença do outro e com o outro.

O princípio da alteridade, baseado nas relações dos sujeitos entre si, é uma das forças que move a docência e que mobiliza a criação de um espaço de compartilhamento e trocas de saberes, considerando a unicidade histórica de cada sujeito e as suas narrativas enquanto seres sociais. Na perspectiva de Ingold (2021), a vida é uma série de transformações provocadas pelas manifestações humanas entre si e no coletivo; é, na verdade, “[...] um diálogo no qual todos aqueles que participam estão prestes a serem transformados” (p. 19).

Pensar a formação, no espaço da pesquisa em ciências humanas, requer um exercício de olhar para si e para o outro. Esse 'outro' pode ser o indivíduo a quem se busca investigar ou, em determinados momentos do processo, os próprios pesquisadores. Para além de um exercício científico, a pesquisa constitui-se formativa não apenas por seus resultados e produções, mas também pela vivência que proporciona a seus realizadores, seja no contexto do campo, ou nos momentos de trocas e interações (...) (PACHECO, 2013, p. 299).

Considerando a formação em pedagogia a nível de graduação - seja para a docência ou para outras funções - como um espaço de trocas e construção de um saber fazer, é possível afirmar que o contato e as vivências na didática do ensino, da pesquisa e da extensão são elementos fundamentais e transformadores da práxis docente, principalmente quando acontecem simultaneamente em um conjunto formativo, como os grupos de estudos e pesquisas. É diante desse espaço que surgem novas perspectivas e olhares sobre um determinado objeto de estudo, que será aprofundado, pesquisado e externalizado. Com isso, surge uma nova possibilidade para *transver o mundo* (BARROS, 2016), ou seja, o reinventar, humanizar e o sensibilizar.

Considerações finais: para pensar formação docente

Neste trabalho, buscamos defender a indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão na formação inicial, pensando especialmente através de nossa lente de graduandas e integrantes de um grupo de pesquisa. Acreditamos, portanto, que é esse tripé que possibilita uma formação docente mais ampla, ética, sensível e humana.

Promover uma formação inicial de qualidade envolve reconhecer a importância do tripé verdadeiramente presente no processo formativo. Contudo, temos percebido que a pesquisa e, principalmente, a extensão, têm ficado à margem do ensino no contexto universitário. Num curso cuja maioria dos estudantes pertence à classe trabalhadora, como é o caso da Pedagogia, reconhecer a importância do referido tripé significa, sobretudo, possibilitar o acesso e a permanência dos estudantes através de bolsas de fomento à pesquisa e à extensão.

Na perspectiva de Pacheco (2013),

a passagem por um grupo de pesquisa é fundamental para a formação de um professor que, antes de tudo, deve ser um pesquisador, mesmo que fora da academia. Sua prática, seus alunos, seus métodos, devem ser sempre objetos de pesquisa, na intenção de estar sempre em movimento, procurando fazer com que sua formação se estenda para além da universidade (p. 306).

Para nós, foi a chegada no grupo de pesquisa, no início da graduação, que possibilitou o nosso encontro, entre graduandas, e nos uniu a outras vezes que também se juntavam num movimento de estudo, pesquisa, leitura, discussão e escrita: as professoras universitárias e as professoras de bebês. Esse movimento, realizado essencialmente de maneira coletiva, foi e

Foi esse encontro que nos fez perceber que a invisibilidade sofrida pelos bebês atinge, também, aqueles e aquelas que decidem estudar, pesquisar e estar com esses sujeitos. Por isso, foi no coletivo do grupo de pesquisa que, num movimento ético e de cumplicidade, nos unimos na defesa de levar os bebês *a sério*.

A ideia que ronda o bebê como ser associal, puro receptáculo à espera da atuação da cultura, por meio da inculcação do outro, impregna discursos e práticas, contribui para sua invisibilidade, e é algo que precisa ser enfrentado no terreno teórico e propositivo (Salutto; Nascimento, 2019, p.25-26).

Nesse sentido, coadunando com as perspectivas de Mattos (2018) e Arruda (2019), compreendemos que defender os bebês como objeto de estudo e conceituá-los como categoria é preciso para que sejam reconhecidos e legitimados. Ou seja, para além do campo teórico, pesquisar os bebês tensiona para que esses sejam levados a sério na esfera social e para que seus direitos sejam reconhecidos e respeitados.

Foram nos encontros da pesquisa em campo e em sua didática que nos vimos frente a realidades tão diferentes; que aprendemos a ter uma escuta mais atenta, não só às falas, mas ao que diziam gestos e olhares; que percebemos as angústias presentes nas falas daquelas mulheres-mães e mulheres-professoras. Foram nos encontros da extensão que pudemos, graduandas e professoras de bebês, dialogar num espaço de escuta atenta, troca e aprendizado, tensionando teoria e prática. E, especialmente, foram nos encontros do grupo de pesquisa que aprendemos a *comungar* (Ingold, 2020) ideias, experiências e dúvidas, vivendo juntas, aqui e agora. São esses e tantos outros encontros que nos transformam.

Ou seja, além de estar inseridas em uma pesquisa acadêmica, no exercício de compor o grupo, nos encontramos em uma profunda experiência formativa pautada no *ser-juntos*, onde nos relacionamos e, a partir disso, conduzimos a vida em nossas inquietações, diferenças e variações, unidas pela defesa dos bebês como sujeitos e como objeto de estudo. Em nossas reuniões semanais, juntamente com o estudo e a pesquisa, se consolidam também os afetos na construção das relações inerentes ao viver coletivo. Enquanto nos constituímos como grupo, compartilhamos os fazeres dessa experiência, nos relacionando, sensibilizando e nos atentando umas para as outras. Em cada didática do grupo, sejam eles transcrições, estudos coletivos ou memórias, nós, estudantes, estamos construindo nossa formação acadêmica e humana.

Tomamos esse texto, portanto, com o objetivo de, a partir de nossa experiência de graduandas, integrantes de um grupo de pesquisa e bolsistas de projetos de pesquisa/extensão, defendermos o tripé ensino, pesquisa e extensão, principalmente na formação inicial, mas, também, na formação continuada.

Na certeza de que “a docência é uma profissão marcada pelo encontro de pessoas” (ALMEIDA; COSTA; ARAUJO, 2023, p.117), acreditamos que uma formação sensível, ética e humana só é possível se for concebida, também, no encontro, no diálogo, no coletivo, através das relações. Assim, movidas por esses encontros e inspiradas por Manoel de Barros, seguimos aprendendo a *transver* o mundo, a realidade e a construção da nossa formação docente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carla. COSTA, Maria Livia Silva da. ARAUJO, Tiago Santos de. Constituir-se professora e professor de bebês: O cuidado como cumplicidade da relação. In: SALUTTO, Nazareth (org.). **Bebês: Diálogos sobre formação no ensino, na extensão e na pesquisa.** Rio de Janeiro: Pedro e João, 2023.

ARRUDA, Glacione R. da Silva. **Quem são e onde estão os bebês?** Conceito, Políticas e Atendimento na Baixada Fluminense. Dissertação. Mestrado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

BARROS, Manoel. **Livro Sobre Nada.** CIDADE: Alfaguara, 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, 1988.

GOBBATO, Carolina; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **A (dupla) invisibilidade dos bebês e das crianças bem pequenas na educação infantil:** tão perto, tão longe. *Humanidades & Inovação*, v. 4, n. 1, 2017.

GOMES, Sandra Regina. **Grupo focal: uma alternativa em construção na pesquisa educacional.** São Paulo: Cadernos de Pós-Graduação, 01/01/2005. 39-45 p. v. 4.

INGOLD, Tim. **Antropologia e/como Educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

INGOLD, Tim. **Antropologia: para que serve?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.



XXII ENCONTRO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS

KRAMER, Sônia. Entrevistas coletivas: uma alternativa para lidar com diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em ciências humanas. In: FREITAS, Maria Teresa; SOUZA, Solange Jobim e; KRAMER, Sonia (orgs). **Ciências Humanas e Pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo, Cortez: 2007, p. 57-76.

MATTOS, Maria Nazareth de Souza Salutto de. **Bebês e livros: relação, sutileza, reciprocidade e vínculo**. Tese. Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2018.

PACHECO, Alessandra Brandolin (et al). **A Pesquisa como Espaço de Formação**. In: KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda; CARVALHO, Maria Cristina (org). Educação Infantil: formação e responsabilidade. Campinas, Papirus Editora: 2013, pp. 297-307.

AUTORAS. **Aprendendo a enxergar os bebês: o que não dizem os currículos dos cursos de Pedagogia**. In: SALUTTO, Nazareth (org.). **Bebês: Diálogos sobre formação no ensino, na extensão e na pesquisa**. Rio de Janeiro: Pedro e João, 2023.

SALUTTO, Nazareth. Por uma Pedagogia das relações. In: SALUTTO, Nazareth (org.). **Bebês: Diálogos sobre formação no ensino, na extensão e na pesquisa**. Rio de Janeiro: Pedro e João, 2023.

SALUTTO, Nazareth; NASCIMENTO, Anelise Monteiro do. **Onde estão os bebês?** reflexões para sua construção conceitual a partir de um debate interdisciplinar. **ÁLTERA REVISTA DE ANTROPOLOGIA**, v.1, p.14-37, 2019.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

TORNAR-SE PROFESSORA DE BEBÊS: A IMPORTÂNCIA DO VERBO E O DELÍRIO DO VERBO

Fabiana Santiago de Sousa - UFF

Maria Antonia Tripodi Giglio – UFF/Fundação Municipal de Educação de Niterói

RESUMO:

O presente artigo propõe refletir sobre a importância da relação entre teoria e prática como eixo essencial no processo de tornar-se professora de bebês, buscando pensar como uma pedagogia das relações pode contribuir nos começos e descomeços que a vida cotidiana com os bebês e os processos formativos instituem para as professoras na Educação Infantil. Abordamos a docência com bebês a partir de um *fazer atencional* que toma como princípio uma prática docente que *leve os bebês a sério* em sua potencialidade e existência. Como referencial teórico dialogamos com o poema VII de Manoel de Barros do Livro das Ignorâncias, a Antropologia Social de Tim Ingold (2019, 2020) e com uma narrativa registrada por uma das professoras com os bebês em seu cotidiano. A partir disso, entende-se que a docência é um trabalho com o outro, tornando possível a tessitura conjunta do encontro a partir da atenção, da relação e da atencionalidade. É nesse caminhar que se formam a tessitura da relação entre bebês e professoras, como um meio de fazer o verbo pegar delírio.

PALAVRAS-CHAVE: Bebês; Docência; Formação.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE BEBÊS

TORNAR-SE PROFESSORA DE BEBÊS:

A IMPORTÂNCIA DO VERBO E O DELÍRIO DO VERBO

Carla Almeida- UFRRJ/SME-Rio de Janeiro

Fabiana Santiago de Sousa - UFF

Maria Antonia Tripodi Giglio – UFF/FME- Niterói

Maria Livia Silva da Costa - UFF/ SEMED-Maricá

Nazareth Salutto - UFF

PARA COMEÇAR E DESCOMEÇAR

*No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.*

(BARROS, 2016, p. 14)

O seguinte texto propõe refletir sobre a importância da relação entre teoria e prática como eixo essencial no processo de *tornar-se* professora⁸ de bebês, buscando pensar como uma pedagogia das relações pode contribuir nos *começos* e *descomeços* que a vida cotidiana com os bebês e os processos formativos instituem para as professoras na Educação Infantil.

O poeta Manoel de Barros nos convida a pensar descomeços. Em seu poema VII no Livro das Ignorâncias (2016), o poeta das miudezas brinca com os inícios quando o começo começa com um descomeço, com uma forma de iniciar que não parte do princípio, mas de uma forma outra de começar (ou descomeçar). E para descomeçar há o verbo, o verbo que constitui o descomeço, e “só depois é que veio o delírio do verbo.” (BARROS, 2016, p. 14), aquilo que se modifica a partir do começo das crianças, começos que desafiam convenções adultocêntricas quando brincam com as palavras, brincam com o verbo *escutar*, associando-o a palavra *cor*, modificando as funções gramaticais, delirando o verbo.

Tomando o poema de Manoel de Barros como um modo de olhar a relação da teoria com a prática para as professoras de bebês, propomos pensar o *verbo* como a teoria, aquilo que

⁸ Ao longo do artigo adotaremos o artigo feminino para as professoras de bebês entendendo que, majoritariamente, a docência com bebês é ocupada por mulheres.

descomeça as professoras, que institui modos de olhar os bebês, instituindo concepções que guiam as ações cotidianas. E o **delírio do verbo** liga-se à prática, sendo esta a que é vivida no cotidiano com os bebês. Como diz o poeta, o delírio do verbo é aquilo que vem depois, que surge a partir de um novo modo de olhar para o verbo, quando se institui novas funções, e só é possível o delírio a partir da relação. Destacamos que não deve-se considerar a possibilidade que *teoria e prática - verbo e delírio* - possam agir de modo separados, pois a partir do momento que se delira a teoria, constituem-se novas práticas que levam as novas vivências e conceitos, ideias e reflexões acerca do cotidiano com os bebês, dando forma à novas bases teóricas que sustentam o cotidiano repleto de saberes, sejam os acontecimentos planejados ou espontâneos.

Portanto, estes desafios cotidianos e a busca constante por saberes que componham nossas práticas a fim de *delirá-las* junto com os bebês que nos questionamos: Como é descomeçar a ser docente de bebês? Como delirar o verbo no fazer docente? Qual é a importância de entender a relação como algo essencial entre o bebê e a professora?

O cotidiano com os bebês nos faz um convite para as relações. Constituindo a necessidade de entendê-los e ouvi-los de forma interessada, reconhecendo-os como pessoas, e não apenas como um corpo que necessita de cuidados, banho e alimentação. Assim, “é essencial que as profissionais que trabalham com bebês nas instituições de educação infantil alfabetizem-se nas diferentes linguagens das crianças pequenas.” (TRISTÃO, 2004, p. 2).

A docência com bebês institui desafios e especificidades que ficam suprimidas e invisibilizadas na formação inicial docente. Ao analisarem diversos currículos dos cursos de graduação da Pedagogia de instituições públicas nas cidades de Niterói e Rio de Janeiro, Santos, Estrela e Gomes (2023) colocam que:

(...) a categoria infâncias ou, meramente, Educação Infantil, é uma forma de generalizar os sujeitos que são envolvidos nesse processo, não dando conta de entender as especificidades de cada uma delas. Ocasionalmente, portanto, uma formação generalizada, cumulativa e defasada. Logo, a ausência dos bebês nos currículos, até mesmo no que se refere ao uso da nomenclatura, é uma condição *sine qua non* para negar uma educação de qualidade para esses sujeitos (p. 75).

O apagamento dos bebês nos currículos dos cursos de Pedagogia também revela o apagamento das professoras de bebês como categoria profissional, que busca reconhecimento do seu fazer docente que está implicado a uma prática que se dedica a relação, a interação, ao cuidado, ao manejo e ao gesto de acolher os bebês em sua integralidade. Nesse sentido, entende-se que “a constituição dessa docência na Educação Infantil é parte do processo de constituição

A partir da necessidade por uma formação que visa *descomeçar o verbo*, esse texto é fruto do encontro de quatro professoras de bebês (autoras deste trabalho), que buscaram na formação continuada o espaço para compartilhar os desafios, angústias, a solidão, os encantamentos e as surpresas que o cotidiano com os bebês desvelava no processo de tornar-se professoras. Dessa maneira, o espaço institucional do Curso de Extensão Universitário foi o meio para olhar o verbo e descomeçar um caminho, entendendo que as trocas entre as professoras inauguravam um modo de olhar para a teoria com uma possibilidade de, a partir da relação com os bebês, constituir novas funções para o verbo em um caminhar conjunto aos bebês. Esse foi o nosso *descomeço*.

Para Santos (2020, p. 517), “a docente necessita de alguém para conversar sobre suas aprendizagens e descobertas, bem como sobre dúvidas e anseios em relação ao trabalho pedagógico”. Reconhecendo nossas incompletudes, fomos à procura do *verbo* que encontramos no grupo de estudos no qual estamos inseridas, com pares que compartilham do anseio de descobrir mais sobre o bebê e suas potencialidades. Essa vontade de buscar pelo *verbo* nos fez pesquisadoras das nossas práticas, retornando à universidade para responder ao anseio de *tornar-se* professora de bebês. A resposta para essa questão foi a possibilidade de encontrar na relação com os bebês o caminho para e *delirar o verbo* na docência. Por meio dos gestos e das ações que constituem e entrelaçam a docência à vida dos bebês, o verbo pega delírio e tornar-se professora de bebês é sobretudo poder delirar o verbo junto a eles.

Dessa forma, este texto se divide em três seções para além desta introdução: na primeira parte, discutiremos uma reflexão sobre os conceitos de teoria e prática - verbo e delírio - a partir do olhar para uma narrativa tecida por uma professora de bebês no contexto cotidiano de Educação Infantil, tal registro nos encaminha a pensar os conceitos de *atenção e atencionalidade*⁹ que interligam a teoria e a prática como ações indissociáveis. Na segunda seção abordaremos como a relação com os bebês nos encaminha no processo de construção de

⁹ Para Ingold (2020), a atencionalidade se define no princípio de que a atenção é uma necessidade ontológica como modo de ser e estar no mundo. Desta forma, o autor considera uma correlação entre os conteúdos da mente com os objetos do mundo, relacionando o exercício de caminhar como uma forma de exercê-la. Quando nos atentamos às coisas enquanto caminhamos, participando ou participando com elas em seus movimentos únicos e próprios, estaremos ouvindo, observando e sentindo, tornando a atenção como algo longitudinal ao ajustar o movimento do caminhar ao terreno. Se a mente se estende ao passeio de forma sensorial, o pedestre participa no ambiente e transforma-se, assim, o “ser-outro” em “ser-juntos”.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES COM O CAMINHO QUE É CONSTITUÍDO PELO *conhecimento da vida*. E na última seção apresentamos uma proposição final que aposta em uma *pedagogia da relação* como forma de constituir professoras e bebês em uma relação que entrelaça descomeços.

A POESIA DOS GESTOS DOS BEBÊS

O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz:

Eu escuto a cor dos passarinhos.

A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.

Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.

(BARROS, 2016, p. 14)

Para Manoel de Barros o delírio do verbo está no começo onde se encontra as crianças. O delírio ganha tom, cor e sentido na linguagem da infância, nas invenções das palavras, nas trocas de sentidos e na desobediência às imposições. O delírio do verbo está na vida das crianças e dos bebês, que com seus modos, subvertem as funções dos verbos, atribuindo delírios à vida que decorre deles e junto deles.

Nesse sentido, a educação de bebês em espaços institucionais exige o delírio do verbo, institui a necessidade de buscar na teoria um novo olhar a partir das vivências que decorrem da relação com os bebês e de seus modos de vida. Para as professoras de bebês há a necessidade de olhar a educação como um outro modo de fazer, entendendo que os contextos educacionais revelam ações que transcendem os modos tradicionais de ensino e de transmissão do conhecimento. Aqui não cabe pensar em uma educação linear e hierárquica, mas é preciso pensar um educar como modo de vida.

Dessa forma, encontramos nos escritos de Tim Ingold (2019; 2020), conceitos que fundamentam e nos ajudam a ampliar o olhar para a educação como “uma forma de viver a vida com os outros” (INGOLD, 2020, p. 9). O antropólogo tece sua teoria a partir do olhar para a pedagogia e a antropologia como ciências educacionais, não no sentido de transmissão de conhecimentos fixos e rígidos que decorrem do olhar sobre o outro, mas da possibilidade de “atentar para coisas, para o mundo.” (INGOLD, 2020, p. 17). Para o autor, teoria e prática constituem um olhar que toma a educação como um processo vivo, um viver de modo educativo.

O viver dos bebês em diálogo com as professoras instauram modos de vida que dão o tom de uma educação que delira o verbo, porque encontra na própria vida o seu saber. A docência “se desenrola concretamente dentro das interações” (TARDIF e LESSARD, 2008, p. 235), ampliando a necessidade de entender e refletir como a educação, sendo entendida como um modo de conduzir a vida, pode auxiliar no entendimento das interações e contextos específicos das práticas pedagógicas na creche.

Assim, abrimos espaço para que os próprios bebês nos façam um convite a *escutar a cor dos passarinhos*, como uma possibilidade para refletir sobre os conceitos de atenção e atencionalidade de Tim Ingold (2020) como fundamento para pensarmos a educação como uma forma de viver com os outros. Compartilhamos abaixo uma narrativa escrita por uma das professoras de bebês autoras deste texto a partir de uma cena cotidiana com sua turma em uma creche municipal do Rio de Janeiro.

“Durante a brincadeira no pátio de manhã, Melissa observou que o céu estava cheio de passarinhos. Ela apontava para o alto me mostrando o voo dançante que os passarinhos faziam lá no céu. Eu conversava com ela observando aquilo que ela via e na conversa, outros bebês se achegavam, olhando o que tinha bem lá no alto, naquele céu de poucas nuvens. Os bebês logo perceberam os passarinhos e descansaram os olhos no movimento que eles faziam ao longe. Enquanto os passarinhos brincavam no alto, os bebês paravam suas brincadeiras para observá-los. Com olhos atentos, a dança do voo fixou nosso olhar no céu, e os dedos apontavam para a nuvem de pássaro que se formava. Quando todo aquele movimento de passarinhos dançantes ia deixando o céu, demos tchau aos passarinhos, dando continuidade a brincadeira que se dava com nossos olhos no alto e com nossos pés firmes na terra.” (Caderno de observações, 15 de abril de 2024).

De uma simples brincadeira dos bebês, surge uma observação do mundo ao redor. Pássaros que voam bem lá no alto e que foram enxergados por aqueles que estavam lá no chão, mas com o olhar e a atenção voltados para o céu. Os bebês pararam a própria brincadeira para admirar a brincadeira dos passarinhos. Um momento sutil que demonstra diversos significados entre tudo que cerca o grupo. As relações que estão ali estabelecidas enfatizam e clarificam o caminhar que todos eles realizam em um movimento contínuo, fazendo com que se perceba a sutileza do significado do trabalho docente que está sendo realizado no cotidiano que se demonstra vivo e pulsante nestes momentos de miudezas junto aos bebês. Na cena, os bebês não observam só, mas são acompanhados pelo olhar da professora que volta seu olhar para os passarinhos, mas também para olhar os bebês e acompanhar o que eles enxergam e descobrem.

Para Ingold (2020), viver e conduzir a vida são conceitos que se diferenciam. “Nós,

seres humanos, não apenas vivemos nossas vidas. Nós a levamos.” (INGOLD, 2020, p. 38).

Com isso, ao conduzir a vida temos a capacidade de expandi-la sem objetificá-la entre passado e futuro, mas atribuir a ela um valor precisamente educacional, o “que realmente faz a diferença entre conduzir a vida e viver é a atenção” (INGOLD, 2020, p. 38).

A palavra “Atenção” vem do *ad-tendere*, que significa literalmente alongar (*tendere*) em direção a (*ad*). É o alongamento da vida que eu busco.” (INGOLD, 2020, p. 38). A atenção é o princípio fundante da educação quando se atribui a educação como um caminho para conduzir a vida, dando a possibilidade de alongar esse viver a partir de nossa existência. Nesse sentido, Ingold (2020), coloca que a palavra atenção também carrega importantes significados que ajudam a pensar os modos educativos de conduzir a vida que incluem princípios como, “cuidar de pessoas ou de coisas (...); esperar (...); estar presente, ou entrar em presença (...); e ir junto com os outros (...)” (INGOLD, 2020, p. 39).

Entendemos assim que enquanto professoras de bebês é necessário manter-se atento a vida que circula os bebês nos espaços coletivos das creches e instituições de Educação Infantil, sabendo que as professoras são sujeitos de relações disponíveis para a troca, percebendo o outro como pessoas particulares disponíveis a compartilhar nossa presença para que, desta forma, o outro possa se fazer presente também.

É a atenção que torna a vida capaz de continuar e expandir. Esse ciclo continuum atribui o sentimento de entrar em correspondência com a vida, com aquilo que desperta a nossa atenção. Para Ingold (2020), a atencionalidade se define no princípio de que a atenção é uma necessidade ontológica como modo de ser e estar no mundo. Desta forma, o autor considera uma correlação entre os conteúdos da mente com os objetos do mundo, relacionando o exercício de caminhar como uma forma de exercê-la. Quando nos atentamos às coisas enquanto caminhamos, participando ou participando com elas em seus movimentos únicos e próprios, estaremos ouvindo, observando e sentindo, tornando a atenção como algo longitudinal ao ajustar o movimento do caminhar ao terreno. Se a mente se estende ao passeio de forma sensorial, o pedestre participa no ambiente e transforma-se, assim, o “ser-outro” em “ser-juntos”.

No relato acima, o movimento de Melissa de observar os passarinhos acabou mobilizando todo o grupo em um descanso detalhado do olhar. Mas, em outras vezes, a necessidade pode se fazer no desejo do colo e do acolhimento mais atencioso. Aceitar e

XXII ENCONTRO reconhecer que tais coisas fazem parte do cotidiano é, de fato, *levar a sério*¹⁰ a necessidade dos bebês a partir da observação dos momentos e coisas mais miúdas durante a vivência. É dar atenção à vida contínua, que perpassa todo nosso fazer por meio da atenção. A atencionalidade, que para Ingold (2020, p. 46), evita que o outro seja objetificado e, com isso, toma-se como princípio o “ser-juntos” em detrimento do “ser-outro”, trazendo os bebês para o nosso lado como cúmplices e companheiros nesta caminhada.

A vida acontece e ao reconhecê-la desta forma, se dispõe que imprevistos fazem parte do viver, e este é constantemente renovado pelo ambiente a partir do momento que somos afetados por ele e o afetamos por meio das relações que instituímos com os diferentes seres. A correspondência com uma postura atenciosa, estabelece o caminhar junto com diferentes encontros, *levando o outro a sério* e reconhecendo-o como um sujeito completo, de diferentes interesses, vivências e experiências que são trazidas de diversos lugares para além dos nossos e que instituem seu encontro em um caminho comum. E, para que se estabeleça a ideia de *levar o outro a sério*, deve-se deixar a imaginação enriquecer a experiência (Ingold, 2019, p. 15) de forma que possamos nos unir aos bebês para encontrarmos novas formas de viver, aprendendo com eles.

O DELÍRIO DO VERBO

*E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos —
O verbo tem que pegar delírio.*

(BARROS, 2016, p. 14).

Segundo Ingold (2020),

A educação depende da participação, com certeza, mas não apenas de qualquer participação. Tem que ser de um tipo particular. O que distingue a participação educacional e a destaca do mero treinamento - desde a preparação para a entrada em uma cooperativa de artesanato ou profissão estabelecida - é que

¹⁰ Considerando o mundo como meio de estudo, Ingold (2019) define o *levar os outros a sério* como regra número um de seu tipo de antropologia. Desta forma, não devemos nos atentar apenas para o que as pessoas fazem e dizem, mas nos desafios que estas colocam diante de nossas concepções sobre como as coisas são, sobre o tipo de mundo que vivemos e como nos relacionamos com ele, tomando como princípio que ser sábio é aventurar-se pelo mundo, assumindo o risco do que acontece por lá de forma que se compartilhe a presença de outros, a atenção e o importar-se com eles.

Para que sejamos transformados no processo juntamente com o outro, devemos antecipar a atenção e, a partir dela, perceberemos, em conjunto, tudo aquilo que nos cerca, compartilhando a presença e a companhia do outro. O olhar atento para a forma como o ambiente e os sujeitos se colocam diante de nós permitirá com que caminhemos juntos, gerando a liberdade de encaixar a flexibilidade dos detalhes atencionalmente de modo que possamos seguir em um encontro das relações.

Portanto, retornamos com desejo para a formação como professoras de bebês porque entendemos que ocupar esse papel é permitir-se delirar com as descobertas e a presença deles. É um (des)começo que deve acontecer diariamente, permitindo o nosso olhar para novos caminhos no horizonte ao reconhecermos nossa própria (in)completude. E o movimento de buscarmos e irmos de encontro ao outro é um movimento atencional de mudança que garante o fortalecimento de nosso ser como sujeitos capazes de construir uma transformação por meio do delírio do verbo com nossos correspondentes pela participação.

Estar aberto para novos horizontes é entender-se como sujeito em constante movimento, que irá alterar-se junto com o mundo e com o compartilhamento das relações, permitindo, assim, que o andar contínuo e a prática constituída verdadeiramente em uma pedagogia das relações, supere a ideia capitalista de uma mera transmissão de informações. Desta forma, se realça e reconhece a existência do bebê como um sujeito ativo deste caminhar. Entendendo-se que

a tentativa é a de superar a visão adultocêntrica que está impregnada em cada um de nós, denunciando toda a nossa incapacidade de perceber diferentes formas de ser e buscando legitimar o jeito próprio das crianças sentirem, serem e agirem no mundo. (TRISTÃO, 2004, p. 2).

Superar a visão adultocêntrica também é um (des)começo, um delírio do verbo. É compreender que o bebê tem seus interesses, tem sua compreensão do que o cerca e que isso não é menor que a compreensão do adulto. Elas não são divergentes: ao contrário, se completam e devem ir sempre ao encontro de um para o outro. Devemos nos permitir, neste caminhar, enxergar os passarinhos e a possibilidade de contemplar a vida, aceitando o convite dos bebês para observarmos as miudezas do que acontece ao nosso entorno.

Portanto, torna-se possível seguirmos como pessoas em um caminho comum, em



XXII ENCONTRO correspondência a um devir humano que tem como horizonte o constante crescimento em conjunto. A partir do momento que olhamos com as crianças para o céu que estas se atentaram, observando juntamente os pássaros a circular em um imenso azul, estamos construindo um movimento: Um delírio conjunto de escutarmos a cor dos passarinhos, colorirmos o som com gritos empolgados e risadas que preenchem espaços que habitamos.

UMA CONCLUSÃO ENTRE DELÍRIOS E VERBOS

*Comunicar-se como poeta é valorizar as palavras como o viajante
ama seus equipamentos e materiais.*

(INGOLD, 2020, p. 79).

O cotidiano, apesar de suas impreviões, também é atencional. Desdobrar-se e modificar-se de acordo com ele é estar atento. É levar a sério as mudanças necessárias que estão latentes naquele momento e naquele contexto. É reinventar. Delirar o cotidiano para acolher cada tempo, cada necessidade e as demandas singulares de cada um.

As interações afetivas e sociais são fundamentais para os bebês que, quando se sentem seguros e rodeados de afeto, demonstram maior disposição para explorar o ambiente e interagir entre si e com os outros ocupantes daquele espaço, reconhecendo o lugar ontológico do bebê como constituinte da experiência humana (SALUTTO, 2023, p. 35) e, ao mesmo tempo, se estabeleça a docência sobre e com o outro (TARDIF E LESSARD, 2008, p. 11). Estratégias práticas identificadas incluem a criação de rotinas, a organização do espaço de maneira que facilite interações entre os pares e a utilização de recursos presentes de forma inovadora e criativa.

Promover uma educação de qualidade para bebês exige uma abordagem que vá além da aplicação de teorias do desenvolvimento infantil, que visam apenas etapas. Estabelecer nossos *descomeços* nos estudos é uma forma de nos reencontrarmos no fazer docente dando continuidade à formação inicial recebida, suprimindo as dúvidas que surgem no cotidiano e praticando uma ética constituída no fazer docente que sensibiliza os movimentos, os olhares, os gestos e o caminhar de cada bebê.

Para dar sentido ao *verbo*, precisamos *delirar o verbo* e para que possamos *delirar o verbo*, precisamos ir de encontro ao *verbo*. É uma via de mão dupla que dialoga até mesmo para



XXII ENCONTRO escrita, pois é necessário atentar-se para que não se deixe passar as miudezas do cotidiano.

Segundo Esteban e Zaccur (2002):

A prática é o local de questionamento, do mesmo modo que é objeto deste questionamento, sempre mediado pela teoria. Desta perspectiva, a prática se transforma em práxis, ou seja, síntese teoria-prática. O movimento permanente de questionamento e aprofundamento visa ajudar o/a professor/a a entender melhor e redimensionar seu cotidiano. Parte-se da prática para voltar a ela. Porém, na volta, não se encontra a mesma prática inicial, há uma nova qualidade na medida em que o movimento ação-reflexão-ação gera compreensão do fenômeno, relativizando o imediatamente perceptível (p. 22).

A pedagogia das relações reconhece a importância central das interações afetivas e sociais no desenvolvimento integral dos bebês, oferecendo uma resposta atencional aos desafios encontrados na Educação Infantil. As professoras que adotam uma didática das relações são capazes de compreender melhor as necessidades e contextos individuais de cada bebê, promovendo uma educação que é sensível às diferenças culturais, sociais e individuais presentes no espaço compartilhado com as crianças.

Assim sendo, este artigo propôs uma reflexão baseada nos registros de ações pedagógicas sobre a necessidade de uma didática das relações, que considere a importância das interações afetivas na creche, visando trazer à tona o debate sobre a construção de *tornar-se* docente de bebês, destacando a importância de estar aberta ao processo do delírio da teoria e prática.

A partir do momento que elevamos nossa voz como voz de poeta para fazermos nascimentos, entende-se que estaremos, cotidianamente, realizando diversos fazeres diferentes entre “o ser-com”, dando uma dimensão ética cada vez maior à atenção no que diz respeito ao cuidar enquanto mantemos o princípio docente de educar a partir dos nossas ações.

E é por meio de nossas vozes que pronunciamos a presença do encontro de diferentes seres que em conjunto, admiram o voo dos passarinhos. Que possamos estar sempre dispostos atencionalmente a construirmos e observarmos, juntos com os bebês, este voo.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Livro das Ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2016.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** Lei n. 9394, 20 de dezembro de 1996.



XXII ENCONTRO CONCEIÇÃO, Caroline Machado Cortellini. A docência com bebês e crianças bem pequenas: Registros da ação pedagógica na Educação Infantil. *Contrapontos*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 31-46, ago. 2022. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-71142022000200031&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 20 mai. 2024.

ESTEBAN, Maria Teresa. ZACCUR, Edwiges. A pesquisa como eixo de formação docente. In: ESTEBAN, Maria Tereza. ZACCUR, Edwiges (orgs.). **Professora pesquisadora: uma práxis em construção**. Rio de Janeiro: DP&A, 2022.

INGOLD, Tim. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

INGOLD, Tim. **Antropologia: Para que serve?** Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

SALUTTO, Nazareth. Por uma pedagogia das relações. In: SALUTTO, Nazareth (org.). **Bebês: diálogos sobre formação no ensino, na extensão e na pesquisa**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2023.

SANTOS, Maria Alice Barbosa; ESTRELA, Rafaela Garcia; GOMES, Sarah Borges Martins. Aprendendo a enxergar os bebês: o que não dizem os currículos dos cursos de Pedagogia. In: SALUTTO, Nazareth (org.). **Bebês: diálogos sobre formação no ensino, na extensão e na pesquisa**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2023.

SANTOS, Marlene Oliveira dos. **A solidão profissional de professoras de bebês**. Revista Interinstitucional Artes de Educar, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 512–531, 2020. DOI: 10.12957/riae.2020.46690. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/46690>. Acesso em: 20 mai. 2024.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Editora Vozes, 9. Ed., 2014.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. **Ser professora de bebês: uma profissão marcada pela sutileza**. Zero – a – seis, v.6, n.9, p. 01-14, jan./jun.2004.